

Evolução e Criação **no debate contemporâneo**

Nos 150 anos de *Sobre a Origem das Espécies*
de Darwin

ÂNGELO ALVES*

I **ACTUALIDADE DO TEMA**

Dois factos significativos

A actualidade do tema que me foi proposto é posta em evidência por dois acontecimentos muito próximos: um, no mundo da ciência experimental, e outro, no domínio da cultura e da política.

1. No dia 10 de Setembro passado, começou a funcionar, com êxito e festa, no CERN (Suíça), o acelerador de partículas subatómicas mais potente até hoje construído. Recebeu o nome de LHC – Grande Colisionador de Hadrões – indicando a sua finalidade específica: provocar colisões de partículas à velocidade de 99,9% da velocidade da luz. Trata-se de detectar partículas subatómicas, nomeadamente a já prevista há trinta anos por Peter Higgs, chamada «bosão de Higgs», e verificar a sua função de atribuir massa às outras partículas com as quais interage. É uma partícula transportadora de energia.

* Professor Jubilado da Universidade Católica Portuguesa – Porto.

A sua comprovação experimental equivalerá a uma viagem de retorno até à explosão inicial que deu origem ao Universo, e a verificar as condições iniciais da matéria, no bilionésimo de segundo após o Big Bang. Por isso, lhe chamaram «partícula de Deus».

Esta designação metafórica, em estilo de divulgação científica, não é nova, pois apareceu antes, como título de um livro do físico americano Leon Lederman, prémio Nobel da Física em 1988, pela sua descoberta, em 1977, do «mesão ípsilon», partícula atómica que tem massa com valor compreendido entre o protão e o electrão e veio a confirmar a existência do «quark b».

Este nome dado às duas partículas supõe e significa a atribuição a Deus de uma intervenção activa na origem e composição da matéria inicial. As partículas seriam instrumentos da acção criadora de Deus. Por isso mesmo, o físico britânico Peter Higgs, há pouco referido, declarou a seu propósito, conforme relata um jornalista (*Público*, 10.09.08), que desejava muito que a sua partícula fosse encontrada antes de perfazer oitenta anos, mas não gosta que lhe chamem «partícula de Deus», porque é ateu e não quer ofender os crentes.

Certamente, os crentes ficam sensibilizados com este sinal de respeito pela sua fé religiosa, mas gostariam de dizer-lhe que também eles consideram o sintagma «partícula de Deus» como denominação metafórica, simbólica. A acção própria de Deus na origem do Universo, na qual acreditam, por um lado, é espontaneamente entendida e descrita como se fosse uma acção humana, antropomorficamente; por outro, tem de ser concebida e expressa, negando o nosso modo humano de operar, para nos aproximarmos do que ela é em si mesma, isto é, do modo de agir próprio de Deus, que tem uma face transcendente, misteriosa. É que, na verdade, não podemos conceber Deus, como se Ele fosse um artífice que projecta a sua obra, utiliza uma matéria-prima já existente e instrumentos pré-fabricados. Como o oleiro (aliás, imagem bíblica para a criação do homem), que toma uma porção de argila, a coloca na placa giratória e a vai modelando com as suas mãos, até assumir a forma do vaso que idealizou. A acção de Deus é absoluta: de todo independente de uma matéria pré-existente ou de instrumentos pré-fabricados; transcendente: não situada no espaço e no tempo; é total e contínua, abrangendo a forma de ser, o ser e o agir da sua obra, o seu começo, desenvolvimento e fim, o seu passado, presente e futuro. Daí que não haja uma «partícula de Deus». Mas todas as partículas subatómicas ou macroscópicas, todos os átomos, moléculas e organismos, o sol, as estrelas e as galáxias são de Deus - Ele é o princípio absoluto de todas as coisas, em criação contínua, até à sua consumação.

2. O segundo acontecimento a dar notoriedade ao criacionismo foi a escolha de Sarah Palin para candidata à vice-presidência dos Estados Unidos da América.

Segundo uma articulista do mesmo jornal, no mesmo dia 10 de Setembro², a razão dessa escolha e o efeito pretendido foi desviar o debate eleitoral dos temas mais candentes e que mais afligem o país, para a velha guerra cultural entre conservadores religiosos republicanos e progressistas democráticos libertários. E defende o seu ponto de vista, descrevendo a personalidade da candidata, tal como apareceu no palco da convenção republicana: «electrizou a convenção com a sua grande família e as suas pequenas tragédias, que exhibe com total candura. Com a sua distância de Washington e da elite política e cultural, apresentadas como origem de todos os males. Com a sua convicção de que a guerra do Iraque foi encomendada por Deus aos americanos. Com o seu fundamentalismo religioso, a sua defesa do criacionismo, o seu horror à diferença e os seus hábitos simples; foi com ela que os delegados da convenção republicana melhor se identificaram. Salvou McCain, o “outsider”, a seus olhos».

A referência directa ao criacionismo, em contexto de fundamentalismo religioso, coloca a candidata entre os cristãos evangélicos tradicionalistas que se opõem ao evolucionismo, a ponto de, em 31 dos 50 Estados federados, terem recorrido sucessivamente, há décadas, aos Tribunais, para que seja proibido ensinar nas escolas públicas a teoria darwiniana da evolução ou, ao menos, seja ensinada simultaneamente com o relato bíblico da criação. Isto, porque interpretam o relato bíblico da criação em sentido literal, como narrativa histórica. O mundo e as espécies biológicas saíram da mão de Deus tal como se apresentam hoje. Este criacionismo é fixista e opõe-se ao evolucionismo científico, com o fundamento de que a Bíblia é revelação de Deus.

3. Daqui se vê que os termos em confronto – criacionismo e evolucionismo – são usados em acepções diversas, mesmo entre cristãos. Chega-se a teorizar um evolucionismo filosófico e a execrar um criacionismo científico. Um e outro vão contra o sentido originário e o uso corrente dos termos, caindo num certo contrasenso. Pelo que, havemos de estar atentos ao contexto em que são empregues.

O criacionismo, tomado em geral, designa a doutrina que ensina a criação do mundo, como acção de Deus. Tem origem na Bíblia judaica e é comum às religiões monoteístas. Opõe-se ao panteísmo monista, ao maniqueísmo dualista e ao politeísmo pluralista, que têm uma concepção diversa da divindade, e ao materialismo e niilismo, que negam qualquer divindade.

Em sentido particular, designa a doutrina segundo a qual o mundo, ou pelo menos as espécies viventes, foram criados tal como nós os conhecemos. Opõe-se ao evolucionismo, sobretudo ao evolucionismo biológico darwiniano,

² *Público*, 10.09.08.

e tem-se tornado, por vezes, concordista, isto é, tem buscado na ciência natural indícios e argumentos a seu favor. Por isso, foi taxado de «científico», pelos seus adversários evolucionistas.

O segundo termo – evolucionismo, em geral, significa a doutrina segundo a qual as formas superiores da realidade procedem das formas inferiores, por evolução.

Em sentido particular e principalmente, designa a teoria científica segundo a qual as espécies viventes descendem, por transformação evolutiva e por complexificação progressiva, das formas mais simples, ou mesmo das monocelulares. É sinónimo de transformismo e opõe-se a fixismo. Tornou-se a aceção mais comum, desde Darwin até hoje.

Mas há também um evolucionismo filosófico, segundo o qual a lei da evolução rege todo o real, desde o mundo inorgânico, até ao pensamento e às instituições humanas. Tem como defensor primeiro Herbert Spencer e representantes mais destacados Bergson e Teilhard de Chardin.

O primeiro estendeu a concepção evolucionista a todas as ordens da existência, genericamente e em pormenor, a todas as estruturas e funções. O segundo atribuiu ao «élan vital» um poder criador, se não de matéria, ao menos de formas novas, radicalmente novas e irredutíveis. Logo depois da publicação do livro *L'Évolution créatrice*, em 1907, Sertillanges fez da expressão em título uma interpretação restritiva: «evolução criadora não queria dizer evolução que cria, mas evolução em que há criação»³.

Esta distinção subtil, a que Bergson, mais tarde deu acordo, agradecendo-a ao seu autor, abre caminho à compatibilidade entre criação e evolução e, portanto à reconciliação entre evolucionistas e criacionistas. Para tanto, basta substituir o binómio «evolução criadora» pelo antónimo «criação evolutiva», deste modo retirando ao tempo, à «duração» bergsoniana, o poder gerador, quase mítico, de formas de vida cada vez mais complexas, até à emergência do espírito. Para que o mais perfeito não tenha de ser causado pelo menos perfeito, carecendo assim de razão suficiente, a evolução biológica ascendente terá de ser atribuída a um agente anterior à matéria e à vida, transcendente ao espaço-tempo físicos, e ao mesmo tempo neles imanente, conduzindo os seres em evolução a patamares superiores de complexidade e perfeição entitativa, com sentido e orientação consequente, que implica um plano inteligente e um desígnio voluntário.

O terceiro defensor do evolucionismo filosófico, com base científica, foi Teilhard de Chardin, que acrescentou à visão evolutiva do Universo a dimensão teológica da convergência e consumação do cosmos e da história em Cristo res-

³ Foulquié et R. Saint Jean, *Dictionnaire de la Langue Philosophique*, Paris, 1969, p.252.

suscitado e glorioso – verdadeiro «ponto ómega», para o qual tudo converge, na natureza e no homem.

O aprofundamento actual da fé na criação, em perspectiva trinitária, tem vindo a resgatar a visão unitária da evolução cósmica de Teilhard, terminada em escatologia Cristológica, de múltiplas reticências e algumas censuras de que foi objecto, ainda em vida do seu autor.

II

EVOLUÇÃO E CRIAÇÃO

EM COMPLEMENTARIDADE NÃO RECÍPROCA

1. Evolução Cósmica: Do Big-Bang à Expansão Infinita e Ascensional

Da acepção diversa dos termos em confronto – criacionismo e evolucionismo, devida certamente ao contexto polémico que os rodeou, resulta a necessidade de precisar e delimitar os conceitos que lhe estão na raiz: evolução e criação, para ver em que medida se opõem ou são complementares. Começemos pela evolução cósmica.

No estado actual do saber científico e, portanto, para a generalidade dos cientistas, a evolução, que foi comprovada primeiramente no domínio biológico e depois no domínio cosmológico, é hoje considerada como um todo: desde a explosão inicial até ao homem, e eventualmente até mais além, surge como um processo unitário. Decorre de harmonia com as leis da natureza, sem que se torne necessária qualquer intervenção de um agente exterior, para a sua explicação teórica e experimental.

No entanto, qualquer evolução, para ser completamente entendida, exige que se responda às duas perguntas essenciais pelo seu início e pelo seu fim, no espaço e no tempo, ou qualitativamente, uma vez que toda a evolução é o trânsito de um sujeito que passa de um estado a outro, que muda de forma ou de lugar: donde vem e quando começou? Para onde vai e quando chegará ao seu termo?

A elas procura responder, em relação ao Universo, a Física das Partículas, através de investigações no CERN, passadas e actuais. Destinam-se a comprovar a teoria do átomo primordial e da explosão inicial, e as condições iniciais da matéria, enquanto os teóricos se propõem encontrar uma equação ou fórmula mundial que unifique as teorias actuais sobre a origem e a evolução do Universo e que permitam prever o seu fim.

Das teorias relativística, quântica e da explosão inicial resulta o modelo de Universo, hoje aceite pela generalidade da comunidade científica: um universo

finito no espaço e no tempo, em expansão indefinida; teve o seu início há 13,7 bilhões de anos, na explosão primordial, e o seu termo, não previsto temporalmente, poderá ser a morte térmica, segundo a lei da entropia, ou uma nova contracção, sob a forma de buraco negro.

Para tomarmos consciência das dimensões deste modelo de Universo, basta recordar que o Sol é uma estrela vulgar entre os bilhões de estrelas da via Láctea; esta, por sua vez, é apenas uma galáxia entre bilhões de outras galáxias; na história do universo, que teve início há 13,7 bilhões de anos, o nosso planeta Terra surgiu apenas há cerca de 4,5 bilhões de anos; as formas complexas de vida na Terra passaram a existir há cerca de 3,5 bilhões de anos; somente há cerca de 500.000 anos é que apareceram os primeiros homínídeos com andar erecto; e apenas há uns 200.000 anos é que surgiu o homem actual (*homo sapiens*). Portanto, o cosmos existiu quase todo o tempo sem a Humanidade e poderia, evidentemente, continuar a existir sem ela. Não parece, pois, antropicêntrico.

E, no entanto, apesar desta pequenez infinitesimal, o Homem é o único ser natural capaz de ter consciência de si e do mundo, e de os ultrapassar pelo conhecimento metafísico de outros seres; de dizer «eu» e reconhecer no outro um «tu», com o qual se relaciona em diálogo e amor; que se interroga sobre as formas diferentes das coisas e sobre o porquê e para quê da sua existência; que unifica os seus conhecimentos sobre o mundo em leis e teorias comprovadas experimentalmente, as quais lhe permitem uma explicação imediata dos fenómenos e dominá-los em seu proveito, através de instrumentos por si construídos; que abrange a totalidade do cosmos, colocando-se, pelo pensamento, fora dele, para indagar o porquê e para quê da sua existência, primeiro, segundo os dados da experiência científica, e depois, absolutamente, segundo os princípios da metafísica e os dados da fé religiosa.

Quer dizer, é capaz de ultrapassar, pela abstracção do pensamento até ao horizonte do ser simplesmente, ou do Ser puro, as barreiras do espaço-tempo do mundo físico, para entrar no patamar último do conhecimento e da realidade e perguntar: por que razão existe algo e não antes nada? A resposta justificada e ordenada constitui a ciência metafísica e nela faz afirmações primordiais, com verdade e certeza absolutas: «o que é, é e o que não é, não é; o ente é ente-sendo e o ente-não-sendo pode ser»; estes são os primeiros princípios ônticos e lógicos, isto é, do pensamento e da realidade, ou os primórdios da ontologia.

É aqui, neste patamar da metafísica, que surge rigorosamente o problema da criação divina do Universo, ou seja da atribuição da sua existência, origem e evolução, a um agente exterior, transcendente pela sua prioridade e superioridade ontológica, e imanente pela sua acção realizadora, dando a forma de ser, o ser e o agir às coisas e ao cosmos no seu todo; agente capaz de um desígnio inteligente, ordenador e eficaz, concebendo um plano para cada coisa e para o seu conjunto e comunicando-lhe o ser e o agir, para que subsista em si e para

si; um agente, por consequência que seja espiritual-pessoal, infinito, necessário, absoluto, a quem, em religião, chamamos Deus.

Ao afirmar a criação divina como solução última para o problema da origem e da evolução do Universo, já não estamos, do ponto de vista epistemológico no plano do conhecimento científico, físico-matemático, mas no plano do conhecimento metafísico, com as suas leis próprias, graus de verdade e certeza proporcionados. O cientista nunca poderá encontrar Deus como detonador da explosão inicial, porque Deus não é uma causa física na série das causas conhecidas, série indefinida, pois haverá sempre a hipótese de uma outra por conhecer. Deus é a causa, ou princípio absoluto, de todas as coisas, não situado no espaço e no tempo, por ainda inexistentes. A criação divina não é uma transformação de matéria ou energia pré-existentes, uma metamorfose, mas um começo absoluto, a partir do nada. Quer dizer, mesmo que a energia e a matéria fossem eternas, ou o nosso universo fosse acompanhado de múltiplos universos, sempre exigiriam, pela sua evolução e multiplicidade, uma causa absoluta, razão suficiente da sua existência contingente, porque múltipla e mutável, não podendo explicar-se ou existir por si mesma, nem pelo nada, que nada explica naturalmente, nem pelo acaso que é a ignorância da causa, ou o nada do nosso conhecimento. Isto é, o cientista como cientista não pode afirmar nem negar a criação divina do Universo. Não pode identificar o acto da criação divina com um começo no tempo e no espaço, com o Big Bang ou outro fenómeno inicial. Estes são apenas um indício da necessidade da criação divina, causa absoluta de qualquer fenómeno observado.

Mas, o cientista, que é também metafísico, porque todo o homem é virtualmente um metafísico, pode afirmar o Big Bang, como começo do nosso modelo de Universo, e o bosão de Higgs, como originador da massa das partículas subatómicas, e, simultaneamente, a criação divina do mesmo Universo e que o bosão de Higgs é «partícula de Deus». Não há incompatibilidade entre as duas afirmações, antes complementaridade e conexão necessária, pois, à luz da metafísica, nada há no ser e no agir do Universo que não seja criação de Deus, porque ela está antes do tempo e acima do tempo, mas também dentro do tempo e para além dele, pois é contínua no efeito e eterna na causa.

Não é esta, porém, a posição teórica dos cientistas que se dizem ateus. Cito apenas um exemplo. O astrofísico Michel Cassé, em entrevista publicada em 2003 e conduzida por Edgar Morin, também ele confessadamente ateu, afirma: «A criação no sentido teológico é absoluta e para mim o que é absoluto não existe absolutamente»⁴.

Esta é uma afirmação rotundamente metafísica, sem qualquer demonstração científica possível; e é contraditória: afirma absolutamente que o absoluto

⁴ *Filhos do Céu*, Lisboa, 2007, p.34.

não existe. Logo, existe pelo menos um absoluto: o modo absoluto da sua afirmação.

E continua, noutro passo: «O problema está precisamente em saber como conceber que o universo possa ser uma espécie de degradação do infinito, que não tem forma, nem tempo, nem espaço. E, ao mesmo tempo, que esta degradação possa ser uma gènesis, a criação de qualquer coisa, de tantas coisas, a criação de partículas, de átomos, de estrelas»⁵.

Aqui põe-se um problema metafísico, que é inerente à sua própria concepção da origem do universo: como pode a degradação, a desordem, o caos (ele concebe a criação como degradação, como emanção do infinito) dar origem a uma estrutura ordenada, dinâmica e harmoniosa como a do universo, que a ciência descobre e comprova com leis constantes? Como pode o mais sair do menos?

Este é, de novo, um problema metafísico de fundo – o da razão suficiente da evolução ascensional, que passa do menos perfeito para o mais perfeito. Infelizmente não lhe dá resposta positiva, nem aplica, como crítica decisiva, a falta de razão suficiente à sua própria hipótese complementar do Big Bang, a hipótese do vazio quântico originário. Segundo ele, antes da explosão inicial, não havia o nada absoluto, mas o vácuo quântico, ou quase vácuo, um fundo de flutuações energéticas, do qual proveio a luz; e desta proveio a matéria e a anti-matéria em oposição, tendo a primeira aniquilado a segunda, pelo que a anti-matéria passou a ocupar 96% do espaço do universo, como matéria negra e energia negra.

Simplemente, esta hipótese do vazio quântico não tem fenómenos empíricos que a fundamentem, é uma hipótese sobre outra hipótese não confirmada experimentalmente; embora se mantenha dentro dos limites da metodologia científica, tem algo de ousado, arbitrário, mais parecendo uma tentativa de afastar da mente dos cientistas e do homem comum o problema da criação divina, inculcando a suposição de que não faltam hipóteses de solução científica para o início do universo, que um dia poderão ser comprovadas.

Com efeito, o propósito de afastar a hipótese da criação divina do universo, é seguidamente e de modo enfático declarado por ele, nestes termos: «Anuncio solenemente que a noção do Big Bang, que parecia dar crédito à tese dos monoteísmos judeu, cristão e islâmico, de uma criação única – até «ex nihilo», o que é uma aberração para o pensamento racional – se vê banalizada. Na realidade, falarei, na linha de Andrei Linde e de Alan Guth, de criação plural»⁶. Aqui alude a outra hipótese que tenta afastar qualquer apoio à tese da criação divina – a

⁵ *Ibidem*, p. 34.

⁶ *Ibidem*, p. 34.

das múltiplas bolhas de universo, ou de múltiplos universos, surgindo a par ou sucessivamente ao nosso universo, relativizando-o, banalizando-o, quanto à sua origem e também quanto ao seu fim.

Mas, que da teoria do Big Bang se não pode deduzir a criação divina do universo, acautelou-o precisamente o seu autor, George Lamaître, sacerdote católico, professor da Universidade de Louvaina, por estas palavras: «Tanto quanto consigo ver, esta teoria fica inteiramente fora de qualquer questão metafísica ou religiosa»⁷. Quer dizer, não pode servir para apoiar ou afastar, afirmar ou negar, a tese da criação divina do universo.

Esta é precisamente a posição de João Varela, investigador português no CERN e responsável por uma das unidades de observação de colisões de partículas, no recém inaugurado acelerador LHC. Em entrevista longa, de 21 de Outubro, ao «Jornal de Letras», declarou:

«Por definição, o objectivo das ciências físicas nunca foi, nem o será no futuro, uma aproximação à ideia de Deus (...) No caso presente, as investigações procuram compreender o universo nos instantes iniciais do Big Bang e, eventualmente, conhecer as suas leis físicas. Não nos informará sobre o que provocou o Big Bang, sobre o que eventualmente existia antes, ou se este foi apenas um entre muitos Big Bang de outros universos a que teremos acesso»⁸.

Portanto, as hipóteses, que Michel Cassé subscreve, do vazio quântico anterior ao Big Bang e dos múltiplos universos, anteriores ou posteriores ao nosso, não serão confirmadas pela presente investigação, pois não é esse o seu objectivo, mas, mesmo que fossem confirmadas, não constituiriam uma aproximação ou afastamento da ideia de Deus e da criação divina.

Assim é no plano científico experimental, mas não no plano metafísico.

Neste plano e segundo os seus princípios, essas hipóteses, se forem confirmadas, constituem, como acontece com a explosão inicial, um indício, um sinal da contingência do universo, da sua possibilidade radical de ser e de não ser.

E, por isso, são tomadas como primeiro pilar, ou primeira premissa do raciocínio da causalidade metafísica que conclui na existência de Deus e na necessidade da criação divina para explicar a existência e evolução do universo.

⁷ Cit. em *Deus no século XXI e o Futuro do Cristianismo*, Porto, 2007, p.232.

⁸ *Jornal de Letras*, 8-21 de Outubro, 2008, p.37.

2. A Evolução Biológica e o Fim Último do Universo. Ciência, Filosofia e Teologia Cristã

Finalmente, algumas considerações sobre a evolução biológica, no que ela tem de particular.

Notemos, antes de mais, que a vida surge como segmento temporal da evolução cósmica. Teve início há 3.5 bilhões de anos, quando a idade do universo atinge os 13,7 bilhões de anos. Mas também surge como um segmento estrutural, pois nela se mantêm as constantes físicas e químicas da matéria. No entanto, com uma diferença fundamental: enquanto a evolução cósmica se processa no espaço-tempo, em linha horizontal, entre o infinitamente pequeno do átomo primordial e o infinitamente grande dos bilhões de galáxias, a evolução biológica expande-se também verticalmente, em linha ascensional de complexificação crescente, em interiorização e aperfeiçoamento das espécies, até atingir o homem. Aqui emerge a consciência, o conhecimento reflexo, independente das condicionantes do espaço-tempo, aberto a conceitos universais e a princípios absolutos, necessários e eternos, válidos para além de toda a quantificação de grandezas, mesmo das abstrações lógico-matemáticas.

O homem surge no topo da árvore da vida como uma flor insignificante, do ponto de vista físico e biológico, mas é a única espécie vivente capaz de dar frutos que a transcendem ilimitadamente, frutos de vida espiritual: a ciência, a moral e a religião. São frutos de um novo plano ou nível de conhecimento e de vida, que acompanha o homem desde os primórdios da sua existência e constituem o sinal e a prova da sua abertura estrutural e dinâmica para o universal, necessário e infinito. Esses frutos constituem um patrimônio de sabedoria e conhecimento, de costumes e de civilização, de cultura e arte, que é o verdadeiro patrimônio da Humanidade, ou patrimônio de humanidade, que nenhum cientista – astrofísico, cosmólogo, biólogo ou matemático – pode ignorar ou desprezar, mesmo sendo inteiramente fiel à metodologia própria, e para ele obrigatória, do conhecimento e investigação científicos.

Porquê e para quê esta evolução biológica ascensional? Terá tido a evolução cósmica como finalidade o aparecimento da vida? E a evolução biológica terá tido, como finalidade, o aparecimento do homem? Haverá um princípio antrópico, uma lei meta-científica da evolução global do universo, que, para além do acaso ou da necessidade de uma lei da matéria, signifique um sentido, a orientação para um fim de toda a evolução cósmica e biológica? Pode a Humanidade ser a etapa última, o fim terminal da evolução ascensional, se o próprio homem vive a exigência de dar um sentido último à sua existência, para além de si, e não o pode encontrar senão na Verdade,

no Bem e na Beleza transcendentais, infinitos, a que aspira idealmente, para os quais dirige virtualmente toda a sua vida espiritual, identificando-os, em religião, com Deus?

O princípio antrópico, que começou a ser discutido, em 1970, por alguns físicos de língua inglesa, possivelmente não encontrará uma fundamentação última de ordem lógico-matemática, apesar das expectativas. Mas encontrá-la-á, certamente, na ordem metafísica, pois não é mais do que o princípio ontológico da finalidade, aplicado à evolução cósmica e biológica, e que se enuncia deste modo: todo o agente age por causa de um fim – mesmo o agente físico ou irracional. Isto, porque todo o agente é determinado pelo seu acto (antes de agir era indiferente para este ou aquele acto). E todo o acto é determinado pelo seu objecto (aquele efeito ou comunicação de ser que resulta do acto). Portanto, o objecto é que determina o agente a agir, a pôr o acto. Mas não o pode fazer antes de existir como objecto do acto realizado, ou de ser posto na realidade como efeito do acto (o objecto é o último na ordem da realidade). Logo, só pode determinar o agente previamente, se for na ordem do conhecimento, ou na ordem intencional, isto é, enquanto concebido intelectualmente como exemplar e intentado voluntariamente como fim do agente, ou seja, antes de ser posto na realidade pelo acto do agente.

Vemos, assim, que a exigência de uma finalidade para a evolução biológica ascensional, desloca a problemática da evolução global do universo, do seu início e do seu termo físico, espacio-temporal, para o seu fim espiritual e metafísico, que é a realização plena do homem, na posse cognitiva e amorosa da Verdade, do Bem e da Beleza, identificados com Deus. O fim de toda a imensidade do cosmos é o seu princípio. A criação e a consumação do universo é obra de Deus, que, segundo a fé cristã, fez de Cristo ressuscitado e glorioso a meta e o modelo da nova criação que acontecerá no fim dos tempos, como plenificação da obra criadora e salvadora, para glória das três Pessoas divinas, sempiterna Trindade.

Em síntese e em conclusão: a teoria da explosão inicial e a fé na criação do cosmos, a teoria da evolução (biológica) e a fé na criação da vida e do homem, não estão em contradição, porque se sobrepõem, pertencem a níveis diferentes de conhecimento e de realidade. Mas estão em conexão necessária, em complementaridade desnivelada, não recíproca. Por consequência, temos de afirmar a criação evolutiva teísta e cósmica e negar a evolução criadora, materialista ou vitalista; temos de afirmar a criação divina, pela razão e pela fé; a criação evolutiva, pela ciência, contra o aparente fixismo da natureza; temos de negar a evolução criadora, por acaso ou lei de necessidade interna da matéria, por um impulso físico ou vital, porque é um contrasenso, um absurdo, tornando o universo opaco, ininteligível, sem sentido.

Termino com palavras de Teilhard de Chardin, o cientista e sacerdote jesuíta francês, palavras inspiradoras, místicas, embora ousadas:

«Creio que o universo é uma evolução;
Creio que a evolução se dirige para o espírito;
Creio que o espírito se completa no pessoal;
Creio que o pessoal máximo é Cristo universal».⁹

Para ele, Cristo é o «ponto ómega» para o qual, subindo, tudo converge, a natureza e a **mística**, até que Deus seja tudo em todos e em todo o universo. Deixo à vossa reflexão esta perspectiva teológico-mística, a visão mais optimista da evolução universal.

⁹ Cit. Hans Kung, *O Princípio de Todas as Coisas*, Petrópolis, 2007, p. 139.